

# **A RELEVÂNCIA DA COLETÂNEA DE TEXTOS NO ENSINO DE PRODUÇÃO TEXTUAL**

## **THE RELEVANCE OF THE TEXT COLLECTION IN THE TEACHING OF WRITING**

Glauca Andrioli Chiarelli\*

### **Resumo**

*O presente trabalho busca analisar o papel da coletânea de textos, utilizada como subsídio em produções textuais escolares dissertativas, em relação à competência discursiva de administrar lugares enunciativos e de selecionar mecanismos argumentativos. Por meio de duas situações de produção – uma sem coletânea e outra com ela –, verificamos que o uso indiscriminado da coletânea de textos, enquanto proposta metodológica para o ensino de produção de textos argumentativos, pode vir a atrapalhar o processo de autoria dos alunos. Sendo assim, buscamos refletir sobre o uso da coletânea no ensino de textos dissertativos.*

**Palavras-chave:** *Produção Textual, Coletânea de Textos, Competência Discursiva, Polifonia, Mecanismos Argumentativos.*

### **Abstract**

*This paper analyzes the role of the texts collection utilized as subsidy in school dissertations related to the discursive competence to manage polyphony and select argumentative mechanisms. By two situations of production – one without the text collection and another with it – we demonstrated that the indiscriminate use of the text collection as methodological proposal in the teaching of school dissertations may be harmful to the students since it may interfere in the process of becoming authors of their own texts. Therefore, we seek to reflect about the use of the text collection in teaching textual production.*

**Key words:** *Textual Production, Texts Collection, Discursive Competence, Polyphony, Argumentative Mechanisms.*

## **I Introdução**

Durante a década de 1980, os estudos da Linguística Textual influenciaram sobremaneira toda a orientação pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa. Como o princípio básico da Linguística Textual é de que o homem se comunica por meio de textos, o foco proposto para o ensino de redação estava relacionado à utilização de textos como suporte para a produção. Assim, importantes exames vestibulares, nos anos 1980, passaram a utilizar a coletânea de textos para a produção textual dissertativa, assumida, pedagogicamente, pela maioria dos professores. Porém, o que deveria ser utilizado apenas como uma proposta diversificada, com um objetivo específico, ao lado de outras propostas, acabou se tornando uma técnica única, como se fosse essa a “salvação” para as aulas de produção textual.

No estudo de Cioca (2002), ao analisar produções escolares dissertativas, produzidas a partir de coletânea, é possível perceber o que se chama de “colagem parafrástica”, isto é, o aluno copia ou parafraseia trechos da coletânea, não administrando, assim, sua própria posição em seus textos.

A partir dessas considerações, o objetivo deste trabalho é analisar o papel da coletânea de textos na produção textual, no que diz respeito à competência discursiva de administrar opinião e mecanismos argumentativos nos textos dos alunos, partindo da hipótese de que, para o aluno que não possui a competência discursiva desenvolvida, a coletânea não ajuda, além de dificultar o processo de autoria.

Uma análise comparativa de textos de alunos, produzidos em duas situações de produção – sem coletânea e com ela – mostrou como a coletânea pode comprometer os textos dos alunos quanto à habilidade discursiva de administrar posições enunciativas e de utilizar mecanismos argumentativos.

## **2 Fundamentação Teórica**

A Linguística Textual constitui um campo de pesquisa que busca ir além dos limites da frase, tomando, dessa forma, o texto como objeto de investigação, uma vez que o texto é a unidade pela qual o homem interage socialmente. Dois fenômenos, que são pontos principais de uma discussão em Linguística Textual, dizem respeito aos conceitos de coerência e de coesão textuais. A coerência, segundo Koch e Travaglia (2001),

... está diretamente ligada à possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendido como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade numa situação de comunicação (p. 21).

Por sua vez, por coesão entende-se “a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual” (Koch e Travaglia, 2001, p. 40). Coerência e coesão são, pois, elementos constitutivos da textualidade. Koch (1989) afirma que a argumentação tem papel fundamental como elemento de textualidade, mostrando que constitui fator fundamental, quer de coerência, quer de coesão, já que a escolha dos elementos de coesão (repetidores, sequenciadores etc.) e a maneira pela qual o emissor vai tecendo seu texto tem relação com a intencionalidade do emissor, que busca “atuar” sobre o outro de determinada forma, obter dele determinadas reações, determinados efeitos. É por isso que essa autora considera que o mais importante ato linguístico não é apenas comunicar, e, sim, argumentar, pois a linguagem tem função social, o que implica, por parte dos usuários da língua, a veiculação de ideologias e de intenções.

Um conceito importante e essencial quando se fala em texto e argumentação, relaciona-se ao fenômeno da polifonia. Segundo Koch (2001), a noção de polifonia foi criada por M. Bakhtin para caracterizar o romance de Dostoievski, no qual, segundo ele, há uma pluralidade textual de vozes e consciências diferenciadas. Desse modo, a polifonia designaria as perspectivas, as vozes que dialogam entre si dentro de um enunciado. Essa noção é importante, pois, na concepção de Bakhtin, o “eu” necessita da colaboração do outro para definir-se e ser “autor” de si mesmo. O ser depende do meio social que estimula sua capacidade de mudança e resposta. O que vemos, por exemplo, é determinado pelo lugar de onde vemos. É em torno desse eixo do “eu” e do “outro” que gira toda a obra de Bakhtin.

Ducrot (1987) insere a noção de polifonia na área da argumentação, tratando o fenômeno da polifonia como representação de várias vozes (enunciadores) no interior de um enunciado.

Tudo isso nos permite afirmar que o conceito de polifonia é de suma importância na constituição da linguagem, pois se refere aos pontos de vista ou a posições que se representam nos enunciados. Embora a polifonia exista em qualquer texto, num texto argumentativo, a sua noção é essencial, uma vez que, a partir de seu ponto de vista, o autor de um texto utiliza estratégias argumentativas, desmembrando-se em enunciadores, a fim de orientar o receptor para seu próprio ponto de vista.

Orlandi (1988) comenta sobre o papel da escola no que diz respeito à produção textual, fazendo uma reflexão sobre a atividade discursiva e a vida escolar. Retomando Foucault, em especial *Arqueologia do saber*, e partindo da afirmação de que o texto é “uma dispersão do sujeito”, a autora mostra que o sujeito ocupa posições diferentes no interior de um mesmo texto. Assim, os diferentes modos pelos quais o sujeito se coloca no texto correspondem a diferentes representações, que indicam as diferentes funções enunciativo-discursivas, a saber: a de locutor, que é aquela pela qual ele se representa como *eu* no discurso; a de enunciador, que são as perspectivas que esse *eu* constrói; e a de autor, que é aquela em que o sujeito falante está mais afetado pelo contato com o social e com suas coerções. Com isso, Orlandi (1988) afirma que

... o autor é a função que o eu assume enquanto produtor de linguagem (...) Assim, do autor se exige: coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às formas gramaticais; explicitação; clareza; conhecimento das regras textuais; originalidade; relevância e, entre várias coisas, “unidade”, “não-contradição”, “progressão” e “duração” do seu discurso (p. 77-78: grifos no original).

Com essas considerações, Orlandi (1988) mostra que o papel da escola é propiciar ao aluno a passagem de sujeito-enunciador para sujeito-autor, do qual se espera responsabilidade, uma vez que, para ser autor, é preciso assumir dentro e fora da escola o papel social, na relação com a linguagem. A escola, portanto, conforme a autora, para propiciar a passagem de enunciador para autor, deve-se trazer à tona práticas que façam com que o aluno tenha controle dos mecanismos com os quais está lidando quando escreve, sendo tais mecanismos de duas ordens: (i) mecanismos do processo discursivo, no qual ele se constitui como autor; e (ii) mecanismos do domínio dos processos textuais, nos quais ele marca sua prática de autor (p. 80).

No entanto, é possível perceber o fracasso da escola no que concerne à produção textual. Pécora (1986), ao analisar produções de vestibulares, mostra toda a deficiência do ensino no que diz

respeito à produção do texto dissertativo. Em sua pesquisa, o autor enumerou diversos problemas encontrados em textos produzidos por alunos; dentre eles, os problemas de argumentação. Para ele, esses problemas não podem ser vistos apenas como problemas de manipulação de artifícios linguísticos, mas, sim, como problemas que afetam as condições do discurso escrito, isto é, os alunos não têm domínio da modalidade escrita. Os problemas de argumentação mais encontrados, segundo Pécora, são os relacionados ao uso de estereótipos, de expressões de valor consagrado e de lugar comum, entre outros. Pécora também, ao detectar que muitos alunos utilizavam em suas produções palavras cujo emprego realmente desconheciam, comenta sobre as chamadas “estratégias de preenchimento”, isto é, recursos de preenchimento de uma estrutura vazia dentro da dissertação. Estamos diante de um exercício de cristalização de formas, pois, ao praticar essa estratégia, os alunos podem estar procurando repetir um “modelo de dissertação”, que lhes foi ensinado ou que foi por eles inferido por alguma razão, como sendo o padrão que deve ser feito numa dissertação. Tudo isso mostra que eles podem estar aprendendo na escola a simples reprodução de modelos, isto é, o exercício de cristalização de formas, a que nos referimos antes, o que não caracteriza um autor, como descrito por Orlandi (1988), mas um simples sujeito que apenas repete dizeres.

E é sobre isso que Cioca (2002) trata em um trabalho que traz uma problematização a respeito do uso da coletânea de textos como atividade de produção textual. Ela detectou que, em textos produzidos com o apoio de coletânea, o aluno copiava ou parafraseava fragmentos dela, o que confirmou a hipótese da autora: a coletânea acabava por atrapalhar o aluno, pois ele não conseguia demonstrar sua posição em seu texto, configurando apenas um sujeito que repete dizeres. Inspirados por essa pesquisa, delineamos a nossa, cuja metodologia e resultados serão apresentados a seguir.

### **3 Metodologia Adotada na Pesquisa**

#### **3.1 O Corpus**

Os textos que constituem o *corpus* de nossa pesquisa são dissertações produzidas em sala de aula por uma classe da terceira série do Ensino Médio de uma escola estadual de Monte Aprazível. Procurando confirmar a nossa hipótese, estabelecemos dois tipos de produção textual: um

momento sem o apoio de coletânea e outro com a coletânea. Selecionamos, então, duas propostas: a primeira tinha como tema “Os quinhentos anos de Brasil” e foi retirada do vestibular da Unicamp/99. Esse tema foi adaptado por nós, passando a ser “O Brasil hoje”. A segunda proposta foi retirada do vestibular da Unicamp/87 e tinha como tema “A Engenharia Genética”, também adaptado por nós, passando a ser: “A Engenharia Genética: brincando de Deus?” As propostas de ambos os vestibulares eram acompanhadas de suas respectivas coletâneas (ver anexo).

Seguindo nosso objetivo, sob nossa orientação, o professor de português apresentou aos alunos o seguinte:

**1º momento:** produção de um texto dissertativo a partir do título-tema “O Brasil hoje”;

**2º momento:** produção de um texto dissertativo a partir do mesmo título-tema, acompanhado da coletânea;

**3º momento:** produção de um texto dissertativo a partir do título-tema “A Engenharia Genética: brincando de Deus?”;

**4º momento:** produção de um texto dissertativo a partir do mesmo título-tema, acompanhado de coletânea.

Temos, assim, dois blocos de propostas, em que o primeiro refere-se ao tema “O Brasil hoje” (1º e 2º momentos) e o segundo refere-se ao tema “A Engenharia Genética: brincando de Deus?” (3º e 4º momentos). Havia 33 alunos na sala, configurando um número significativo de informantes para trabalhar com nossa hipótese. Destes 33, foram selecionados dez, que produziram, cada um, quatro redações, perfazendo um total de 40 redações. Descartamos o restante pelos seguintes motivos: não-cumprimento da tarefa, produção não-efetuada em classe e falta de alunos nos dias da testagem.

Como não é nosso objetivo esgotar a análise, mas, sim, trazer uma reflexão sobre o assunto tratado, selecionamos, aqui, a análise de um informante, o que representa quatro redações.

### **3.2 Critérios para a Análise**

Estabelecemos para a análise os seguintes critérios: *manutenção temática*, *progressão semântica* e *administração de posições enunciativas e de argumentos* adequados a cada posição. Não nos ateremos aos problemas de superfície linguística, tais como ortografia, concordância, regência, entre outros.

Como mencionado anteriormente, a coerência de um texto está relacionada com o equilíbrio estabelecido entre a manutenção temática e sua progressão semântica. Além da coerência, que diz respeito ao raciocínio lógico, a habilidade discursiva de administrar posições enunciativas no texto envolve o processo de autoria (ORLANDI, 1988). Também interessa à análise a seleção de argumentos, relacionando esse aspecto à questão da autoria. Entendemos que tais aspectos estão relacionados, pois uma posição enunciativa manifesta-se por argumentos próprios à situação discursiva que origina tal posição.

A partir das análises propriamente ditas, esperamos trazer à tona uma reflexão a respeito da validade do ensino da redação argumentativa **apenas** a partir de coletânea.

#### **4 Análise das Redações**

Apresentaremos, a seguir, as quatro redações do aluno selecionado para nossa análise, sem nenhum tipo de correção. As redações 1 se referem ao tema “O Brasil hoje”, em que a é produzida sem coletânea e b com coletânea. As redações 2 são a respeito do tema “A Engenharia Genética: brincando de Deus?”, em que a é produzida sem coletânea e b é produzida com coletânea.

#### **Redação 1a:**

##### A modernização do Brasil

O Brasil de hoje sofreu uma grande mudança em seus diversos setores, nos quais se pode incluir o avanço tecnológico, onde tudo se depende da tecnologia em missão de ter mais praticidade e facilidade, com o computador tomando base de tudo, e o homem sendo substituído pela máquina, em função da rapidez e obter mais lucro para as empresas.

Entre esses vários setores, também podemos citar o avanço científico, que cada vez tem mais desenvolvimento, de informação, o avanço econômico e o agropecuário que se consegue mais apoio iria crescer mais, pois o governo só apoia os agricultores de alta

renda, deixando os de pouca renda de lado, e também estão sendo exportados vários produtos agropecuários para fora do país, fazendo com que cresça a economia.

No entanto, o Brasil está tendo suas metas e seus planos, se tornando um país modernizado e com princípios.

## Redação Ib:

### Os problemas do Brasil

Hoje, o Brasil cresceu e se tornou um país modernizado e desenvolvido, fazendo com que tenha várias transformações em vários setores como, o avanço tecnológico, científico, político, econômico e social.

E em meio há um país todo transformado e modificado também dividimos espaços com os problemas e conflitos, o racismo, a falta de compaixão para o outro e a enganação com o outro, muita gente pensa que tem o direito de dizer o que quer e fazer o que quer, por todas essas causas que foi criado o Código de Defesa do Consumidor, que foi criado para defender e atender as causas necessitadas do consumidor que não se senti satisfeito com alguma coisa, pois todos somos cidadãos e temos os nossos direitos.

Muitas vezes as pessoas compram a mercadoria, mas não recebem, tendo seu dinheiro perdido, essa é uma das causas que se necessita do Código de Defesa para a resolução do problema, e essa entre outras causas.

O Brasil com certeza sofre muitas mudanças e transformações, mas, também incluem problemas e conflitos que precisam ser resolvidos.

A análise dos textos **Ia** e **Ib** revela que a produção feita sem o apoio da coletânea está mais bem elaborada do que a produção com coletânea, já que esta apresenta maiores problemas quanto à progressão semântica e ao quadro argumentativo e enunciativo. A redação **Ia** não possui problemas quanto à tematização. A referência do texto são os avanços obtidos pelo Brasil nos diversos setores, tais como tecnológico, científico e econômico (agropecuário). Embora a progressão semântica se apresente pouco enriquecida de argumentos e maiores discussões, é possível detectar a opinião do aluno, que se posiciona favoravelmente frente aos avanços. Para sustentar a sua opinião, o aluno utiliza argumentos que mostram os efeitos positivos trazidos por tais avanços (praticidade, facilidade, rapidez e crescimento da exportação de produtos agropecuários). Desse modo, embora o texto apresente problemas, é possível perceber a marca de autoria existente e o importante papel que o professor exerce, nesse momento, na orientação para aprofundar o texto, no que diz respeito aos argumentos e às posições discursivas, trazendo uma otimização do processo de autoria.

Por sua vez, a análise do texto **Ib**, produzido com o apoio de coletânea, revela que o aluno teve problemas no trabalho com os textos de apoio, uma vez que o produtor do texto se limitou a discorrer sobre o fragmento 8 da coletânea, em que há a menção sobre o Código de Defesa do



Consumidor. Do primeiro parágrafo até a metade do segundo, há um direcionamento argumentativo que indica um campo de discussão amplo entre os “avanços tecnológico, científico, político, econômico e social” e “espaços com problemas e conflitos, o racismo, a falta de compaixão e a enganação com o outro”, o que abre a expectativa do leitor para argumentos que se liguem a um e outro campo. Porém, o aluno sustenta-se no argumento do Código de Defesa do Consumidor (que aparece na coletânea) para dar a “solução” a “todas as causas” que, de modo algum, retomam o anteriormente exposto. É exatamente essa situação que sustenta a reflexão trazida neste trabalho.

## **Redação 2a:**

### A face negra da ciência

Estamos em pleno século XXI, num mundo globalizado e com tecnologia avançada, onde podemos ver a cara negra da ciência e da medicina, que tudo fazem, mas ao mesmo tempo não fazem.

A ciência acompanha a medicina, pois uma não caminha sem a outra. Essa mesma ciência que acompanha a medicina pode ser útil ao homem em alguns aspectos, mas na maioria das vezes quer passar na frente de Deus e começar a inventar pessoas e coisas. Para exemplificar temos a clonagem da ovelha Dolly, que por um certo tempo, até que eles achavam que iria dar certo, mas não deu, o clone da ovelha morreu. Entre essa, tantas outras tentativas de clonar pessoas e animais, que no começo pode até dar certo, mas depois vê-se o resultado. Não é porque a tecnologia e o mundo moderno está avançado que o ser humano vai achar que tudo pode e tudo faz que não é, pois Deus quando fez o mundo deixou a cada pessoa características diferentes que ele criou e que só ele pode mudar.

Portanto, se o mundo está de cabeça para cima não é culpa de Deus e sim do homem que acha que pode tudo e nada vai acontecer pois se o homem não complicasse tanto e não fosse tão ambicioso, tudo seria muito melhor e o mundo não estaria desse jeito.

## **Redação 2b:**

### A ambição pela genética

A Engenharia Genética com certeza é um avanço científico junto a medicina, que é resultado de um país que está se modernizando.

A Genética com certeza trás a insegurança, de o homem pensar que pode tudo, e que tudo pode dar certo, é só pegar um DNA de uma espécie, e o DNA de outra que vai dar certo e acontecer como planejavam.

O homem tem a mania de pensar de que tudo é capaz, desafiando a lei da realidade e naturalidade, onde só se importa com dinheiro e sucesso.

Afinal, os cientistas sempre vão continuar a tentar descobrir novas experiências, cada vez mais complicadas, para mostrar a sua capacidade e continuar a brincar de ser “Deus”, pois o homem se torna cada vez mais arrogante e ambicioso, não se importando com as conseqüências que irão causar.

Quanto aos textos **2a** e **2b**, percebe-se que a produção feita sem o apoio da coletânea pretende instaurar mais discussões e posicionamentos do que a produção com coletânea de acordo com os critérios estabelecidos. O texto **2a** configura uma produção com autoria, já que a progressão semântica da referência estabelecida é desenvolvida de modo adequado e coerente. O aluno desenvolve seu texto a partir de uma problematização, em que destaca a utilidade da Engenharia Genética e, em contrapartida, o perigo que ela pode trazer. Com isso, percebe-se a presença de duas vozes que percorrem o texto. A partir disso, o aluno estrutura sua argumentação para embasar seu posicionamento, argumentando contra a Engenharia Genética por meio de exemplos de experiências ocorridas e por meio da comparação homem/Deus, em que expõe que a tecnologia não deve ser usada para todos os fins que o homem deseja. Portanto, a estruturação desse posicionamento nos leva a um autor, que sabe trazer à cena lugares enunciativos, trabalhando adequadamente com os argumentos de cada posição, para, assim, construir a sua opinião.

Já quanto à redação **2b**, é possível detectar alguns problemas relacionados ao desenvolvimento semântico e ao quadro argumentativo. Nos dois primeiros parágrafos, temos uma tentativa de problematização sobre o assunto, porém comprometida pelo uso inadequado do modalizador “com certeza”, pois o produtor do texto o inseriu em ambas as posições sobre a Engenharia Genética.

O texto resulta, assim, em parágrafos com a mesma temática, mas sem uma linha argumentativa que os direcione. Esse problema está vinculado à competência discursiva, e não à textual.

## **5 Resultados**

A análise das redações do aluno selecionado foi apenas um exemplo que revelou que a coletânea de textos não se mostrou uma boa aliada para ajudar o aluno na produção do texto dissertativo, pois a maioria dos alunos (oito entre dez) teve problemas no trabalho com o quadro argumentativo e enunciativo, o que significa que esses alunos tiveram maior dificuldade em trabalhar a polifonia em seus textos, bem como o uso dos mecanismos argumentativos. Dessa forma, a pesquisa, apenas ilustrada pelas análises feitas anteriormente, confirmou que, para alunos que não possuem a competência discursiva desenvolvida, a coletânea não ajuda.

As análises dos textos trouxeram várias reflexões, sendo uma delas a respeito da limitação da escola no trabalho com o nível discursivo. A leitura das dissertações revela que, de uma forma ou de outra, os alunos sabem elaborar um texto seguindo a estrutura canônica do texto dissertativo – introdução, desenvolvimento e conclusão, ou seja, há competência textual dos alunos, em ambas as situações de produção – com coletânea e sem coletânea. Contudo, quanto à competência discursiva, a pesquisa apontou que diferentes procedimentos devem ser enfocados, uma vez que, sem coletânea, os alunos administram melhor as posições enunciativas, diferentemente do que ocorre com coletânea. A coletânea é importante para o desenvolvimento do texto do aluno. Entretanto, diferentemente do que vem ocorrendo nas escolas, acreditamos que essa técnica não deve ser utilizada de modo único, pois, levando em conta os dados obtidos por meio das análises, a coletânea não auxilia o aluno se ela não for utilizada do modo adequado no ensino, o que significa que há um momento adequado para a sua inserção. A pesquisa realizada revelou que a coletânea deve ser inserida no momento em que o aluno tenha sua competência discursiva bem desenvolvida.

## **6 Considerações Finais**

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a postura metodológica atual para o ensino de dissertação, a qual considera que a coletânea de textos auxilia o aluno na produção. Por meio da comparação entre as duas situações de produção – com coletânea e sem ela –, verificamos que a coletânea, utilizada de modo único e sem orientação, como vem ocorrendo nas escolas, ao invés de auxiliar, acaba atrapalhando os alunos quanto à habilidade discursiva de administrar opinião e mecanismos argumentativos.

Dessa maneira, a escola deve estar atenta à elaboração de instrumentos de avaliação, pois deve se preocupar com o **processo** de aprendizagem, e não com o produto, como fazem os vestibulares. Para estes, por necessitarem avaliar o resultado final, a coletânea parece ser um bom instrumento. As escolas, ao fazerem o mesmo, tiram do aluno a oportunidade de desenvolver, a seu tempo e modo, a competência discursiva.

É necessário salientar que nosso objetivo não foi descartar a produção com coletânea. Pelo

contrário, a coletânea é importante, pois, para o aluno que tem as competências textual e discursiva desenvolvidas, ela funciona como um elemento enriquecedor de argumentos, informação e posições, o que, obviamente, contribui para a fundamentação argumentativa. O que procuramos ressaltar é que, para o aluno que apresenta problemas de gerenciamento de posições enunciativas na administração da autoria, o uso da coletânea só faz acentuar esse problema. Como visto anteriormente, a coletânea deve ser inserida no ensino a partir do momento em que o aluno tenha desenvolvida sua competência discursiva. Se assim o for, a escola estará fazendo seu papel, formando não simples sujeitos, mas autores.

## Referências

CIOCA, S. M. *A produção de textos com o uso da coletânea e sem ela*. 2002. Monografia Lato sensu. Unesp, São José do Rio Preto, 2002.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MARCUSCHI, L. A. *Linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: Ed. da UFPE, 1983. (Série Debates).

ORLANDI, E. P. Nem escritor, nem sujeito: apenas autor. In: \_\_\_\_\_. *Discurso e leitura*. Ática: São Paulo, 1988. p. 75-83.

PÉCORRA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

## ANEXO

### Coletânea I – tema: “o Brasil hoje”

É sempre importante e oportuno refletir e fazer um balanço sobre o Brasil. O balanço poderia resultar muito superficial, se se prendesse exclusivamente a fatos econômicos e a dados sociais circunstanciais. Por isso, faz-se necessário, neste caso, considerar a questão de **quem somos hoje**, levando em conta também aspectos históricos que nos caracterizam como tal. Tendo isso em mente e contando com o apoio dos fragmentos abaixo, escreva uma dissertação sobre o tema: **○ BRASIL HOJE**.

1. Esqueça tudo o que você aprendeu na escola sobre o descobrimento do Brasil. Os últimos trabalhos de pesquisadores portugueses, espanhóis e franceses revelam uma história muito mais fascinante e épica sobre a chegada dos colonizadores portugueses ao Novo Mundo. O primeiro português a chegar ao Brasil foi o navegador Duarte Pacheco Pereira, um gênio da astronomia, navegação e geografia e homem da mais absoluta confiança do rei de Portugal, D. Manuel I. Duarte Pacheco descobriu o Brasil um ano e meio antes de Cabral, entre novembro e dezembro de 1498, (...) As novas pesquisas sobre a verdadeira história do descobrimento sepultam definitivamente a inocente versão ensinada nas escolas de que Cabral chegou ao Brasil por acaso, depois de ter-se desviado da sua rota em direção às Índias. (ISTO É, 26 de novembro de 1997)

2. ... a despeito de nossa riqueza aparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anacrônica. Aquela anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudais. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do comércio e da lavoura, neste país essencialmente agrícola, como se costuma dizer, moureja por ali abatida e faminta, não tendo outra indústria em que trabalhe; pois que até os palitos e os paus de vassoura mandam-lhe vir do estrangeiro.

(...) povo educado, como um rebanho mole e automático, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-mores e pelos padres da companhia; povo flagelado por todas as extorsões – nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original. (Romero, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*, 1881).

3. o Brasil surge e se edifica a si mesmo, mas não em razão do desígnio de seus colonizadores. Eles só nos queriam como feitoria lucrativa. Contrariando as suas expectativas, nos erguemos, imprudentes, inesperadamente, como um novo povo, distinto de quantos haja, deles inclusive, na busca de nosso ser e de nosso destino. (...) Somos um povo novo, vale dizer um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a inventarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantes ultramarinos de Portugal ou da África. (Ribeiro, Darcy. *O Brasil como problema*, 1995)

4. Não conhecemos proletariado nem fortunas colossais que jamais se não hão de acumular entre nós, graças aos nossos hábitos e sistema de sucessão. Nem argentarismo, pior que a tirania, nem pauperismo, pior que a escravidão.

(...)

O Brasil jamais agrediu, jamais lesou, jamais humilhou outras nações.

A estatística dos crimes depõe muito em favor dos nossos costumes. Viaja-se pelo sertão sem armas, com plena segurança, topando sempre gente simples, honesta, serviçal. Os homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que nele entraram. Magistrados subalternos, insuficientemente remunerados, sustentam terríveis lutas obscuras, em prol da justiça, contra potentados locais. (...) Quase todos os homens políticos brasileiros legam a miséria a suas famílias. (Affonso Celso. *Porque me ufano de meu país*, 1900).

5. (...) Se tu vencesses Calabar! Se em vez de portugueses, - holandeses!?! Ai de nós! / ai de nós sem as coisas deliciosas que em nós moram: / redes, / rezas, / novenas, / procissões, - / e essa tristeza, Calabar, / e essa alegria danada, que se sente / subindo, balançando, a alma da gente. / Calabar, tu não sentiste / essa alegria gostosa de ser triste! (Lima, Jorge de. *Poesia Completa*, vol. I).

6. o pau-brasil foi o primeiro monopólio estatal do Brasil: só a metrópole podia explorá-lo (ou terceirizar o empreendimento). Seria, também, o mais duradouro dos cartéis: a exploração só foi aberta à iniciativa privada em 1872, quando as reservas já haviam escasseado brutalmente. Exploração não é o termo: o que houve foi uma devastação, com a derrubada de 70 milhões de árvores. Como que confirmando a vocação simbólica o pau-brasil seria usado, em setembro de

1826, para o apagamento de juros do primeiro empréstimo externo tomado pelo Brasil. Ao deparar com o tesouro nacional desprovido de ouro, d. Pedro I enviou à Inglaterra 50 quintais (3t) de toras de pau-brasil para leiloá-las em Londres . a esperança do Imperador de saldar a dívida com o “pau-de-tinta” esbarrou numa inovação tecnológica: o advento de indústria de anilinas reduzira em muito o valor da árvore-símbolo do Brasil. Os juros foram pagos com atraso. Em dinheiro, não em paus. (Bueno, E. (org). *História do Brasil*. Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997).

7. Jamais se saberá com certeza, mas quando os portugueses chegaram à Bahia, os índios brasileiros somavam mais de 2 milhões – quase três, segundo alguns autores. Agora, dizimados por gripe, sarampo e varíola, escravizados aos milhares e exterminados pelas guerras tribais e pelo avanço da civilização, não passam de 324.652 – menos do que dois Maracanãs lotados. (...). A idade média dos índios brasileiros é 17,5 anos, porque mais da metade da população tem 15 anos. A expectativa de vida é de 45,5 anos, e a mortalidade infantil é de 150 para cada mil nascidos. Existem pelo menos 50 grupos que jamais mantiveram contato com o homem branco, 41 dos quais nem sequer se sabe onde vivem, embora seu destino já pareça traçado: a extinção os persegue e ameaça. (Bueno, E. (org). *História do Brasil*. Empresa Folha da Manhã. 2ª ed. 1997).

8. Há um Código de Defesa do Consumidor, há leis que cuidam do racismo, do direito de greve, dos crimes hediondos, do juizado de pequenas causas, do sigilo da conversação telefônica, da tortura, etc. O país cresceu. (Carvalho Filho, L. F. Folha de São Paulo, 3 de outubro de 1998).

## **Coletânea 2 – tema: “A Engenharia Genética: brincando de Deus?”**

Na coletânea seguinte você encontrará algumas considerações sobre os avanços e possíveis aplicações da Engenharia Genética. Leia-as e, tomando-as como ponto de partida, redija uma dissertação, isto é, um texto em que se exponham e discutam, de forma coerente, alguns dos aspectos envolvidos na questão.

- Por Engenharia Genética entende-se o emprego da tecnologia que permite alteração das características dos organismos vivos, através da fragmentação e recombinação de moléculas de DNA. (conceito adaptado de: *Genética Molecular e de Microorganismos – Os Fundamentos da*

*Engenharia Genética*, organizado por Sérgio Olavo Pinto da Costa. Editora Manole, SP., 1987).

- “(...) isso só pôde acontecer depois que a ciência desvendou o papel desempenhado pelo DNA no jogo da hereditariedade. Pois o DNA é que detém dentro de si o código genético que orienta as células na tarefa de fabricar as proteínas – as substâncias que dão as características a todos os seres (...). Os cientistas aprenderam a identificar, isolar, remover e substituir determinados genes (...) Assim, o gene responsável pela fabricação de insulina na célula humana é passado pelo DNA de uma bactéria, onde continua produzindo a mesma insulina como se nada tivesse acontecido. E a bactéria transmite essa nova característica de geração em geração. (...) A importância da Engenharia Genética para a Medicina foi reconhecida desde o primeiro momento. Afinal, se existem mais de três mil doenças hereditárias, capazes de causar deformações aberrantes ou mesmo matar, muitas delas poderiam ser literalmente eliminadas no nascedouro, removendo-se do embrião o gene responsável pela moléstia ou, ao contrário, acrescentando-se o gene cuja ausência produz a enfermidade.” (Revista *Superinteressante*, n 1, 1987)
- Causou sensação meses atrás (...) a eliminação de um professor italiano, Brunetto Chiarelli, que leciona Antropologia em Florença, sobre a possibilidade técnica de um cruzamento entre homem e chimpanzé. Ele chegou a insinuar que experiências nesse sentido estariam em curso nos Estados Unidos. O chimpanzomem resultante desse acasalamento, advertiu o professor, poderia vir a ser o patriarca de uma sub-raça de escravos ou de fornecedores de órgãos para transplante. Trata-se, porém, de um grande mal-entendido. Primeiro, porque o chimpanzomem, supondo que ele pudesse vir à luz, não seria fruto de alguma irresponsável manipulação do DNA, mas de inseminação natural, artificial, ou em proveta; seria um híbrido, como a mula, filha do jumento com égua, sem nada a ver com a Engenharia Genética. Segundo, porque, em Engenharia Genética, nada indica a possibilidade da criação de seres exóticos. É inviável, por exemplo, colar metade do DNA de uma moça à metade do DNA de um peixe e ainda por cima inserir esse DNA híbrido numa célula que viesse a produzir uma sereia.” (Revista *Superinteressante*, n 1. 1987)
- (...) um dos estudantes foi bastante tolo a ponto de perguntar onde residia a vantagem:  
  
- Meu bom menino! O Diretor virou-se rapidamente para ele. Você não vê? Não é capaz de ver?



Levantou a mão; tomou expressão solene. O processo bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social! (...) – Noventa e seis genes idênticos operando noventa e seis máquinas idênticas! – A voz era quase trêmula de entusiasmo. (...) Também predestinamos e condicionamos. Decantamos bebês já como seres humanos socializados, tanto Alfas como Ipsilones, tanto os futuros trabalhadores de esgotos como os futuros... ele ia dizendo os ‘Futuros Dirigentes do Mundo’, mas, corrigindo-se, disse ‘futuros Diretores da Incubação’”. (fragmentos da obra de ficção *O Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, 1932).

### **Dados da autora:**

\*Glaucia Andrioli Chiarelli

Mestre – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto/UNESP.

Endereço para contato:

Universidade Estadual Paulista

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Rua Cristóvão Colombo, nº 2265

Jardim Nazareth

15054-000 São José do Rio Preto/SP – Brasil

Endereço eletrônico: [glaucia.ch@hotmail.com](mailto:glaucia.ch@hotmail.com)

Data de recebimento: 27 maio 2010

Data de aprovação: 30 jun. 2011